

AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA AO LONGO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Isabella Cardoso Paschoal
Julia Kovacs Takamura
Stephanie Krubiniki

RESUMO

Este trabalho irá abordar a educação bilíngue, bem como o bilinguismo, levando em consideração o que teóricos estudiosos desta área afirmam sobre cada um dos dois temas. Após a visão teórica fundamentada, será mostrada a observação de duas estagiárias que tiveram a oportunidade de estar em contato com essa vertente de educação que vem crescendo cada dia mais no Brasil. Sendo assim, o trabalho pretende constituir uma visão crítica sobre o Bilinguismo e a Educação Bilíngue, o que é preciso para que uma pessoa seja considerada bilíngue, além de ressaltar os pontos positivos e negativos desta educação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir o bilinguismo e a educação bilíngue em termos de conceituação, experiências pessoais e diferentes perspectivas sobre como é estar inserido dentro deste ambiente de trabalho e estudo. Iremos tratar sobre as nossas percepções sobre o bilinguismo no Brasil de acordo com a função que representamos; estagiário assistido, estagiário remunerado. Além disso, discorrer sobre o Bilinguismo e a Educação Bilíngue de uma forma geral. Também visamos como objetivo levantar quais os benefícios desse tipo de aprendizagem e como se aplicam no cotidiano do discente, além de levantar os problemas que esse tipo de escola enfrenta atualmente.

A orientação monolinguística da educação bilíngue e do bilinguismo pode ser explicada à luz da perspectiva política e econômica internacional. A posição de país dominante no cenário mundial tem sido traduzida em hegemonia linguística. Em todo o mundo, as pessoas acreditam que, para serem bem-sucedidas econômica e socialmente, precisam falar inglês, e isso, de certa forma, coloca as pessoas que dominam essa língua em

uma posição mais confortável e de destaque à frente daquelas que não possuem essa dominação.

REFERENCIAL TEÓRICO

O que se pretende nesse estudo é propor uma reflexão a cerca das definições dos temas já citados e discorrer sobre experiências pessoais nesse campo de atuação. Para que isso seja feito este trabalho apresenta-se dividido em três partes, sendo ela a explicação teórica a vista do bilinguismo e da educação bilíngue e após isso, o estudo e observação de duas pessoas da área, sempre levando em consideração a opinião de teóricos que estudam e/ou estudaram o tema e também de artigos acadêmicos.

Para isso, os teóricos e autores de artigos acadêmicos que serão aqui apresentados para comprovação dos pontos apresentados, são os seguintes: Josiane F. Harmers, Michael H. A. Blanc, Antonieta Heyden Megale, Eloisa Augusta e Daniela de Campos.

Além disso, a observação de dois estágios será apresentada para comprovação ou não das teorias estudadas.

BILINGUISMO

Na sociedade, o bilinguismo, na maioria das vezes, é visto como um indivíduo que possui a habilidade de se comunicar em duas línguas fluentemente, tendo o uso da Língua 1, ou L1 (língua pátria) e o uso da Língua 2, ou L2. Esta é também a definição que Bloomfield emprega, onde ele define o bilinguismo como “o controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1935, apud HARMES e BLANC, 2000:6).

Mas com o passar dos anos, mais especificamente após o século XX, o bilinguismo foi se tornando cada vez mais difícil de conceituar. Opondo-se a opinião dita anteriormente, Macnara diz “um individuo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa” (MACNARA, 1967 apud HARMERS e BLANC, 200:6). Ou seja, um teórico pensa ser necessário possuir as quatro habilidades para ser bilíngue, enquanto o outro acredita que é necessário obter competência em pelo menos uma delas.

Além desses diferentes modos de pensar, existem outras definições que podem ser discutidas, como por exemplo, a definição que Titone nos dá. Para ele o bilinguismo é “a capacidade individual de falar uma segunda língua obedecendo às estruturas desta língua e não parafraseando a primeira língua” (TITONE, 1972 apud HARMERS e BLANC, 2000:7).

Há também outros autores que fazem alguns questionamentos quanto ao bilinguismo, e levantam questões sobre o mesmo. De acordo com Barker e Prys 1998:

- Devem se considerar bilíngues somente os indivíduos fluentes nas duas línguas?
- São considerados bilíngues apenas indivíduos com competência linguística equivalente nas duas línguas?
- Proficiência nas duas línguas deve ser o único critério para a definição de bilinguismo, ou o modo como essas línguas são utilizadas também deve ser levado em consideração?

Podemos considerar que ao classificar um aluno como bilíngue, a extensão que deve ser analisada deve ser exposta. De acordo com diversas teorias, existem níveis de bilinguismo que devem ser considerados para que este aluno seja ou não considerado bilíngue. Outros acreditam que para que essa consideração seja positiva, ou seja, que o aluno possa realmente ser considerado bilíngue é necessário que este saiba falar, ouvir, ler e escrever de forma fluente na L2 assim como é na L1.

EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Ao falarmos sobre a educação bilíngue é necessário saber que esta pressupõe de conceitos muito diferentes de acordo com o país em que está inserida, visto que ela envolve questões étnicas e sociopolíticas.

Harmers e Blanc (2000) falam da educação bilíngue como “qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas línguas”. Esses teóricos não consideram educação bilíngue as escolas que ensinam a L2 como uma matéria e não a utilizam para fins acadêmicos, apesar de a L2 poder fazer parte de um programa que possua educação bilíngue.

Levando em consideração as definições dadas por Harmers e Blanc, pode-se dizer que existem três categorias em que a educação bilíngue se encaixa. Na primeira as aulas são

ministradas em ambas as línguas simultaneamente. Na segunda, as aulas são ministradas na L1 e os alunos aprendem a L2 até que estejam prontos para utilizá-la para fins acadêmicos. E por fim, na terceira categoria, boa parte das aulas é dada na L2 e a L1 é introduzida posteriormente, primeiramente como matéria e depois se tornando um meio de estudo.

A educação bilíngue pode ser dividida em duas: aquela para crianças do grupo dominante, que é uma educação, na maioria das vezes, de caráter elitista e que busca o aprendizado de uma nova língua e uma nova cultura. E aquela para crianças de grupos minoritários, como os grupos indígenas no Brasil. Nesse estudo falaremos sobre a educação bilíngue para o grupo dominante. Sendo assim, existem dois programas: o de imersão e as escolas internacionais multilíngues.

Harmes e Blanc (2000) explicam que as escolas multilíngues tem uma metodologia própria e combinam de duas até quatro línguas em seus programas educacionais. As crianças começam a educação primária com a L1, na segunda etapa a L2 é introduzida, e assim respectivamente até que as quatro línguas sejam introduzidas. Depois, as aulas são organizadas para que todas as línguas estudadas na escola sejam utilizadas para a exposição do conteúdo. Os teóricos deixam claro também que não é possível saber se o grande sucesso das respectivas escolas deve ser dado ao seu modelo multilingual, ou pelo fato de as mesmas serem elitistas.

O outro tipo de educação bilíngue que Harmes e Blanc (2000) descrevem é chamado de imersão. A imersão acontece quando as crianças falantes de uma L1 tem toda ou parte da educação escolar através de uma L2. Sendo assim, esses programas de imersão são baseados em duas hipóteses: a primeira é que a L2 é aprendida juntamente com a L1 e a segunda é que a língua é aprendida de forma mais eficaz se tiver um contexto estimulante pra aprimorá-la e expor as crianças naturalmente à mesma.

Falaremos a seguir o que vem ocorrendo na prática com as escolas bilíngues no Brasil, levando em consideração seus pontos positivos e negativos e os métodos adotados para que este ensino funcione.

A ESCOLA BILÍNGUE OBSERVADA PELO ESTAGIÁRIO ASSISTIDO

O modelo adotado pela maioria das escolas bilíngues no Brasil atualmente é o pluralismo introduzido desde o momento da alfabetização e continuado durante todo o

período de escolarização. O meio mais comumente utilizado é a imersão, ou seja, aos poucos o aluno é iniciado na língua, e conforme ele avança nas habilidades cognitivas, o conteúdo passa a exigir um maior vocabulário e conhecimento sobre a estrutura da segunda língua adotada (geralmente o inglês), e ele entra em contato com a segunda língua (L2) 50% do tempo e aos poucos a língua materna deixa de ser utilizada até gerar a fluência.

As pesquisas sobre o bilinguismo individual focalizam, principalmente, o uso das línguas pelo indivíduo (competência e desempenho, interferências interlínguas, graus de fluência etc.), enquanto as pesquisas sobre bilinguismo na sociedade preocupam-se com as mudanças que ocorrem na língua e no seu uso em relação à comunidade (a manutenção ou perda de uma língua de geração para geração, as situações de diglossia, os domínios sócias, a comunicação intercultural etc.) (MELLO, 1999, p.17).

Dessa forma, as duas línguas são usadas, criando situações para o discernimento entre a estrutura, cultura, gramática e pronúncia, ficando claro para o aprendiz a diferença existente entre os idiomas. Portanto, não podemos deixar de lado o fato de que muitas escolas focam somente na parte da estrutura linguística da L2, esquecendo o fato cultural de identidade do país falante da L2.

Levando em consideração o que foi dito anteriormente, utilizarei de minha experiência dentro do estágio assistido não remunerado para compartilhar as diferentes práticas educativas que funcionam muito bem para os educandos e qual a abordagem utilizada no colégio para alcançar o bilinguismo dos estudantes. Por outro lado, também irei colocar os diversos problemas que essas instituições enfrentam, além de elementos que apenas precisam de alguma melhora.

A metodologia utilizada pelos docentes era bem parecida. Começavam a aula colocando no quadro todos os assuntos que seriam tratados no dia, conversavam durante aproximadamente cinco minutos sobre o que foi programado e então a aula era iniciada de fato. O material adotado pela escola é especialmente voltado para o ensino bilíngue, o que é algo bom, pois se adequa ao tipo de vocabulário que os estudantes possuem, além de propor um ensino que se adequa tanto à realidade do ensino brasileiro, quanto americano.

Em todas as aulas que participei o livro foi usado de alguma forma, seja para o uso de exercícios, interpretação de texto ou gramática, o livro sempre esteve presente durante o

curso. Além disso, todas as aulas de alguma maneira possuíam exercícios, sendo na própria sala, ou para fazer em casa.

A escola possui uma qualidade muito importante para o ensino de uma língua estrangeira, a imersão na cultura dessa língua, algo pouco estimulado e presente na maioria das instituições regulares. A partir do momento que temos o conhecimento não só sobre a gramática da língua, mas também sobre como ela é usada nessa determinada sociedade, além de saber como é a forma de vida das pessoas nativas e como elas se relacionam, se adequar sobre a realidade dos falantes da língua estrangeira é algo tão essencial quanto saber usá-la, pois de nada adiante ter um inglês fluente se não é possível relacioná-lo com as pessoas que usam essa língua. Nós, estrangeiros, é que temos que nos adaptar ao estilo de vida dos falantes e não ao contrário. Língua é identidade e nós devemos respeitar e apreciar a identidade de outras culturas diferentes da nossa. Podemos citar Brown (1994, p. 73), que diz:

“Successful language learners generally believe in themselves and in their capacity to accomplish communicative tasks, and are therefore willing risk takers in their attempts to produce and to interpret language that is a bit beyond their absolute certainty”.

Durante o ano letivo, várias atividades são dispostas para os alunos fazerem, que incluam não só o inglês, mas também a cultura norte-americana. Essa não é uma realidade da maioria dos colégios brasileiros, que se preocupam somente com atividades repetitivas e que valem notas relacionadas à gramática. O estímulo dado nessa instituição é a capacidade de fluência ser expandida, além de entender melhor como é o modo de vida das pessoas nativas dessa língua.

Todos os anos tanto os feriados brasileiros, como os americanos são comemorados, portanto existe a semana do folclore nacional e o dia do Saint Patrick's, um feriado em comemoração a um santo irlandês, por exemplo. Poder observar o que ambas as culturas possuem em comum e de diferente é uma experiência incrível, que acrescenta muito a vida acadêmica desses aprendizes, que estão aprendendo não só o inglês, mas também a respeitar e entender diferenças culturais por meio de um ambiente imerso em duas realidades.

Apesar desse ambiente propício ao ensino de inglês com todo o apoio necessário, o aspecto negativo também precisa ser apresentado. A educação no Brasil baseia-se num

modelo metodológico que reforça a competição entre os estudantes, e também os reforça negativamente por meio de punição, como por exemplo, a penalidade por falta as aulas, por mau comportamento, por notas baixas. Diversos estudiosos da psicologia, como B. F. Skinner, já concluíram por meio de seus estudos que o estímulo e o reforço positivo são mais bem recebidos pela nossa mente, que tornará o comportamento estimulado mais frequente. Portanto, a escola deveria basear-se nesse tipo de estímulo, que traria benefícios ao âmbito, pois tornaria os aprendizes mais interessados. Sendo assim, toda vez que o aluno tem algum comportamento desagradável ou ruim na sala de aula, ou quando o aluno não fala em inglês durante as aulas à tarde, sua nota em gramática é descontada de acordo com a gravidade, o que acredito que é algo negativo, afinal a nota é descontada da média, o que é injusto, pois esse valor é referente ao conteúdo cobrado, e não referente a comportamento.

Outro ponto que acaba sobrecarregando demais os estudantes é a busca pela perfeição da L2. O aluno que aprende uma segunda língua dificilmente possua a fluência perfeita como um nativo possui. A partir do momento que a comunicação entre duas pessoas que usam a L2 acontece de forma clara, podemos considerar este aluno fluente, mesmo se a pronuncia não estiver totalmente correta. A perfeição em pronúncia e gramática é cobrada de forma exacerbada pelos professores e familiares, que acabam deixando os discentes estressados e com a sensação de incapacidade linguística.

(...) o bilinguismo é uma exceção e o falar bilíngue é frequentemente associado à noção de perfeição, ou seja, o bilíngue seria uma espécie rara que fala, lê, escreve e compreende duas ou mais línguas de maneira igualmente fluente, sem sotaque e sem quaisquer outros traços que permitam distingui-lo do monolíngue, quando fala uma de suas línguas. (GROSJEAN 1982,1994, apud MELLO,1999, p.18)

A ESCOLA BILÍNGUE OBSERVADA PELO ESTAGIÁRIO REMUNERADO

De acordo com o artigo Legislação e escolas bilíngues no Brasil, a LDB preconiza a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa no território nacional, à exceção dos povos indígenas. Por isso, as escolas bilíngues existentes no país devem seguir regulamentações:

oferecer 200 dias letivos e aulas dos componentes curriculares obrigatórios em língua portuguesa, em uma carga horária mínima de 4 horas diárias.

Segundo Harmers e Blanc (2000), o fator mais importante na experiência bilíngue é que ambas as línguas devem ser igualmente valorizadas, fazendo com que a criança desenvolva durante a sua jornada na escola a habilidade tanto da escrita, quanto da fala de ambas as línguas usadas na escola, por exemplo, Inglês e Português. No entanto, em certas situações pode-se dizer que os pais não sabem exatamente o que um ensino bilíngue significa para a criança, em razão de presumirem que os educandos vão utilizar apenas a L2 para se comunicar diariamente, e na verdade, o que acontece é que a criança aprende a L2 como uma ‘língua materna’, mas não vai utilizá-la como uma e sim como uma segunda língua onde ela já domina a maior parte das suas habilidades (escrita, fala e audição).

Na sala de aula das escolas bilíngues, até o final do ensino fundamental I as salas são compostas por uma professora e uma assistente de sala, já no ensino fundamental II e Médio não há assistente de sala. São 5 horas de aula por dia, dividida em duas partes, três horas da aula são totalmente ministradas em inglês e as duas horas finais de aula ministradas em português (isso na educação infantil). Os dez minutos iniciais da aula são dedicados apenas a jogos (pebolim, tênis de mesa e baralho) como uma forma de conversar com os amigos e distrair um pouco antes da aula, então ao entrar na sala todos os alunos devem pegar na mala a pasta com a tarefa e a agenda, enquanto isso a professora senta na sala e espera cada um deles sentar em roda para iniciar a rotina, enquanto todas as crianças veem as tarefas juntos com a professora, a assistente organiza suas agendas e pastas.

Durante a roda a professora canta com os alunos diversas músicas em inglês e relembra todos os dias da semana, meses e números. Em seguida eles têm meia hora no playground, e mesmo para pedir permissão para brincar em certos brinquedos ou ir ao banheiro ou beber água, devem pedir em inglês. Depois seguem para a atividade nos centros educativos, onde são divididos em quatro mesas com cinco alunos em cada mesa e de acordo com a matéria do dia realizam alguma tarefa, como contas (matemática), histórias (redação), livros (literatura) e assim por diante, depois que todos os grupos finalizaram, vão para aula de português com outra professora e nessa aula onde aprendem tudo em português então desligam o botão do Inglês e ligam o de Português.

O mais interessante do ensino bilíngue é que a criança aprende o Inglês como uma segunda língua, mas praticamente o usa como língua materna, e isso se torna comum e natural. É incrível ver crianças de apenas cinco anos dizendo coisas como *“I went to the shopping mall with my mom and dad this weekend it was fun”*, pois mostra que o ensino teve a sua eficácia. Porém, um problema que as escolas bilíngues encontram no Brasil é o fato de os pais não entenderem exatamente como funciona este ensino. Claramente, o aluno será capaz de falar de forma fluente nas duas línguas, mas os pais questionam os professores porque em casa, os filhos, ao chegarem, falam muito em português e não em inglês, se esquecendo de que a família mora e vive em um país em que a língua materna é o Português.

Se analisarmos em geral o ensino bilíngue existem muitas qualidades, porém existem também seus pontos negativos. Um exemplo disso é a questão dos pais que já foi abordada anteriormente.

Outra questão é a da competitividade em sala de aula e entre classes que também é muito evidente, pois os alunos desde pequenos são incentivados a sempre ganhar e sempre querer estar em primeiro lugar, isso até certo ponto, é bom, pois mostra ao aluno que ele nunca deve desistir de um sonho e deve ter foco. Mas é também um pouco preocupante, já que acabam buscando sempre o primeiro lugar e ficar em segundo é algo fora de questão, o que torna a competitividade muito maior e perigosa.

E uma última coisa que pode ser ruim para a criança e para o seu desenvolvimento é o fato de que durante o ensino bilíngue eles são expostos a todo o momento a situações adultas demais, como por exemplo, uma sala com crianças de cinco anos ser submetida a realização de projetos para feira cultural ou para alguma festa da escola.

Resumindo, a escola bilíngue tem vários pontos positivos no seu ensino, porém devem ficar atentos assim como qualquer outra escola com a competitividade, atividades para os alunos que não correspondem com a sua idade e maior esclarecimento para os pais com relação ao que o ensino bilíngue é, e o que esse ensino irá mudar na vida do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo ser feito podemos chegar a algumas considerações. O bilinguismo é de fato um ponto muito positivo e importante nos dias atuais, pois ser capaz de dominar não

apenas sua língua, mas outra seja ela qual for, é uma habilidade comunicativa de extrema importância, principalmente se formos levar em consideração a grande globalização que vem ocorrendo no último século e que vem aproximando os países de uma forma geral e dando oportunidade de pessoas se comunicarem.

As escolas bilíngues vêm crescendo grandemente, principalmente no Brasil, onde as pessoas têm procurado um ensino que possa inserir nas crianças não apenas sua língua materna, mas outra, que na grande maioria das vezes acaba sendo o inglês. Existem diversas formas de inserir esta outra língua nas crianças e que podem ser adotadas pelas escolas, mas como observamos, a mais utilizada é a imersão onde o aluno é iniciado na L2 e vai avançando em suas habilidades cognitivas até ter um conhecimento maior sobre a estrutura dessa língua que está sendo adotada.

Na prática, notamos que as escolas, de fato, funcionam e as crianças aprendem a segunda língua. Como dito, é natural ouvir sentenças como “*I went to the shopping mall with my mom and dad this weekend, it was fun*”. Mas como todo ensino, possui também seus problemas, como a competitividade entre os alunos e o não esclarecimento aos pais sobre o ensino bilíngue, mostrando que a criança não deixa de adotar sua L1 para adotar apenas a L2, mas sim, se torna capaz de se comunicar naturalmente em ambas as línguas, dependendo do contexto que está inserida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, M. *Estudos Sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil*. DELTA, vol.15, no.spe, 1999, p.385-417.

DAMASCENO, Daniela De Campos. *Educação Infantil Bilíngüe: Um relato histórico*. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, 2013.

HARMERS, J e BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MEGALE, Antonieta Heyden. *Bilingüismo e educação bilíngüe – discutindo conceitos*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005.

MELLO, Heloísa. A.B. *Educação bilíngue: uma breve discussão*. Universidade Federal de Goiás – UFG, 2013.